

GADOTTI, Moacir. “Prefácio: Por uma esfera pública cidadã”. In: ROMÃO, José Eustáquio. *Dialética da diferença: o projeto da escola cidadã frente ao projeto pedagógico neoliberal*. São Paulo: Cortez Editora, Instituto Paulo Freire, 2000.

Prefácio

Por uma esfera pública cidadã

Só apresentamos livros que nos agradam, e este me agrada sumamente. Ele faz justiça a todo um esforço que vem sendo feito, sobretudo em municipalidades onde o poder local é democrático, em torno de uma educação para e pela cidadania. Trata-se do movimento pela Escola Cidadã, que vem crescendo desde o final da década de 80 e se fortaleceu nos anos seguintes, mostrando que os anos 90 não foram uma década totalmente perdida na educação. A Escola Cidadã está fortemente enraizada no movimento de educação popular comunitária, que nos anos 80 era traduzido pela expressão escola pública popular. Se buscarmos nas práticas educativas atuais no Brasil por uma alternativa para a construção de uma sociedade sustentável, uma sociedade de iguais, inclusiva, certamente aparecerá em primeiro plano o Projeto da Escola Cidadã de que Romão falará nesse livro.

A Escola Cidadã humaniza e eleva a pessoa à condição de sujeito histórico. Sua maior ambição, tal como Romão a apresenta aqui, é contribuir na criação das condições para o surgimento de uma nova cidadania, como espaço de organização da sociedade, para a defesa de direitos e a conquista de novos. Trata-se de formar para e pela cidadania em função da construção de um novo espaço público não-estatal, uma “esfera pública cidadã”, como diz Jürgen Habermas, que leva a sociedade a ter voz ativa na formulação das políticas públicas bem como a participar da mudança do Estado que temos para a criação do Estado radicalmente democrático. A cidadania precisa exercer o controle do Estado e do Mercado.

O conceito de Escola Cidadã é muito rico e está ainda em evolução. Ele vai muito além hoje das primeiras intuições do Instituto Paulo Freire e de seu fundador e grande inspirador. Tanto na sua concepção quanto nas suas práticas, a Escola Cidadã se traduz por diferentes nomes e com diferentes características. Pode-se falar até em diversas “perspectivas” de Escola Cidadã (Estado do Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul; municípios de Vitória, ES; Porto Alegre, RS; Uberaba, MG; Icapuí, CE; Natal, RN; Mauá, SP). Isso se verificou claramente em Porto Alegre, onde o conceito de Escola Cidadã e sua prática teve diferentes visões. É natural, pois, “cidadania” e “autonomia” andam juntas. Sob muitos nomes encontramos a educação cidadã: “Escola Pública Popular” (São Paulo), “Escola Democrática” (Betim, MG), “Escola Plural” (Belo Horizonte), “Escola Candanga” (Brasília, DF), “Escola Mínima” (Gravataí, RS), “Escola Sem Fronteiras” (Blumenau, SC), “Escola Guaicuru”

(Estado do Mato Grosso do Sul), “Escola Democrática e Popular”, apenas para mencionar alguns exemplos. O que importa não é o nome, mas a prática de uma escola honesta, participativa, feliz, com uma nova qualidade; uma escola que atenda às necessidades da criança, do jovem ou do adulto; uma escola que não valoriza apenas os conteúdos disciplinares, mas também os conteúdos altitudinais, a cidadania, a sensibilidade. No ato educativo, o cognitivo e o afetivo caminham juntos, como sustentam as mais recentes teorias curriculares.

As experiências fundadas na concepção cidadã de educação representam uma alternativa viável ao projeto neoliberal, a Escola Cidadã não vê a realidade como algo dado. Por isso ela acredita no sonho, na utopia. O caminho já percorrido por essas experiências já comprovaram que a escola pública pode ser competente, participativa e democrática. Podemos sim mudá-la. Para mudar, ela precisa apoiar-se na sociedade, por meio da criação de uma esfera pública de decisão não estatal, como o emblemático “orçamento participativo” e a “constituente escolar”. Para mudar, não basta que a análise dos governantes e as soluções apontadas estejam corretas. É preciso que elas sejam legitimadas pela discussão coletiva, pois quem opera a mudança é o coletivo.

As experiências práticas de Escola Cidadã mostram que o desafio da mudança da escola pública é, ao mesmo tempo, cultural e estrutural. Sem mexer nas estruturas não se muda a escola. Mas também é preciso mexer nas relações sociais e humanas e numa cultura escolar que valoriza um certo saber e despreza o outro. A escola é um espaço de relações sócio-culturais. À reestruturação física da escola deve associar-se a uma reestruturação espiritual e cultural.

A escola pública não pode mudar sozinha. A escola pública de qualidade para todos precisa ser uma mudança em rede de colaboração solidária em todos os níveis: local, regional, nacional e mundial. As redes em educação de constituem em espaços abertos, fortalecendo-se em parcerias e alianças, auto-alimentando-se, e assim, constituindo-se em movimentos em permanente mudança.

Neste contexto, o livro de José Eustáquio Romão deverá dar um novo impulso à Escola Cidadã no país. Ele não apenas conseguiu contrapor ao projeto pedagógico neoliberal; conseguiu responder às necessidades humanas, fundamentais sem desprezar a subjetividade e ao capitalismo neoliberal, que é por natureza incapaz de satisfazer as necessidades da maioria das pessoas. Não se trata de formular uma “Terceira Via”. Trata-se, fundamentalmente, de chegar a um socialismo com liberdade por meio da radicalização da democracia.

Florestan Fernandes costumava repetir que a escola capitalista não educava para a cidadania. Ela dizia que a estrutura do poder no Brasil era arcaica e mantida por uma classe dominante que barrava a consciência crítica do povo, também através da escola. Essa estrutura político-social e econômica ainda é dominante. O leitor encontrará neste livro a comprovação da tese de Florestan Fernandes. Como intelectual e militante, ele tinha esperança de que essa situação pudesse ser superada dialeticamente. A mesma sociedade que mantém essa estrutura antidemocrática cria também

a reação contrária e as condições de sua superação. A contradição social existe. A dialética está sempre presente na história. Por isso encontramos motivos para ser otimistas. Um deles é o surgimento da Escola Cidadã, uma esperança para a década que estamos iniciando.

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire